

A IMPORTÂNCIA DA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NO PROCESSO DE ENSINO- APRENDIZAGEM MUSICAL

Rebeca Barbosa do Nascimento

Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás (EMAC/UFG)
rebeca-bn@hotmail.com

Thais Lobosque Aquino

Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás (EMAC/UFG)
tlobosque@hotmail.com

Resumo: Refletiremos sobre a importância da relação professor-aluno como fator de mediação no processo de ensino-aprendizagem. O objetivo é que essa reflexão possa contribuir para a construção crítica de ações de educadores musicais que atuarão na Educação Básica. Levando-se em conta que o processo de aprendizagem envolve uma compreensão bem mais abrangente do que a atuação do professor em sala de aula, esse relato embasou-se em enfoques sócio-históricos, psicológicos e literários, envolvidos por Freire e Vygotsky. No processo de ensino-aprendizagem é preciso construir uma relação com os alunos e entre eles, é por meio dela que o conhecimento vai sendo construído. Logo, é imprescindível que na escola seja potencializada a relação professor-aluno para que ocorra o sucesso no processo de ensino-aprendizagem.

Palavras chave: ensino-aprendizagem; estágio supervisionado; relação professor-aluno;

1 Introdução

A formação de profissionais no campo da educação musical intenta um ensino de qualidade tanto para o recorte humano, quanto para o social e político, que lhes proporcionem competências para a realização de ações docentes de ensino e pesquisa. Para tanto, o Curso de Licenciatura em Música da Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás (EMAC/UFG) desenvolve suas atividades de estágio em espaços alternativos e formais.

Segundo Santana (2007), a definição da palavra qualidade se dá no conjunto de características que necessitam atender os objetivos dos indivíduos, tal qual, aplica-se na área educacional por redefinir o processo de ensino num processo de aprendizagem.

Regulamentado pela Lei nº 11.788 de 2008, que menciona o direito e os deveres de todos os envolvidos em sua consecução, o estágio possibilita o contato direto do estudante

com o local de atuação. Isso confere uma oportunidade única de aplicar na prática os conhecimentos teóricos, assim como contribuir para o desenvolvimento de habilidades nas ações em sala de aula. Pimenta e Lima enfatizam que:

O estágio passa a ser um retrato vivo da prática docente e o professor-aluno terá muito a dizer, a ensinar, a expressar sua realidade e a de seus colegas de profissão, de seus alunos, que nesse mesmo tempo histórico vivenciam os mesmos desafios e as mesmas crises na escola e na sociedade. (PIMENTA; LIMA, 2004, p. 127).

Dessa forma, acredita-se que o estágio assume grande importância na formação do estudante, uma vez que representa um processo de formação do indivíduo a partir da relação teórico-científica com a realidade do meio.

Dentro dessa perspectiva, o campo de atuação para o desenvolvimento da prática e observação do estágio, sucedeu no Centro de Ensino e Pesquisa Aplicado à Educação da Universidade Federal de Goiás (CEPAE/UFG), com o objetivo de atender às propostas do Curso de Licenciatura em Música da EMAC/UFG, bem como proporcionar uma formação profissional voltada para as necessidades da educação básica.

O CEPAE tem como finalidade ser uma unidade participante na formação de novos educadores, figurando-se como campo de estágio que oferece subsídios para articulação de diversas linguagens artísticas. Nesse contexto, a prática musical escolar se encontra de maneira significativa, com o objetivo de desenvolver a criatividade, a sensibilidade e a integração dos alunos e permitir que possam se expressar e dialogar através dos saberes musicais trabalhados em sala de aula.

Essa instituição educativa conta com uma estrutura física ampla. Especificamente, a sala de música conta com um espaço adequado aos diferentes recursos de ensino, pois disponibiliza à professora e aos alunos, crianças na faixa etária de 7 a 8 anos, uma relação mais próxima, por não conter cadeiras ocupando o ambiente em que se desenvolve o aprendizado, mas, sim, poltronas encostadas na parede que permitem aproveitar a espacialidade da sala.

À vista do objetivo proposto pelo estágio curricular supervisionado realizado no CEPAE, é possível perceber que parte-se da observação participante da prática docente da professora

de música que se baseia em torno de dois pilares (motivo e saberes), para desenvolver a aprendizagem musical dos alunos.

Nesse processo de aprendizagem, a interação social e a mediação do outro tem fundamental importância. É imprescindível que na escola seja potencializada a relação professor-aluno para que ocorra o sucesso no processo de ensino-aprendizagem. Freire (1996, p.96) aponta que: “O bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento.”

Pode-se dizer então, que a escola enquanto instituição educativa exerce uma função relevante na interação professor-aluno, pois é o local das distintas situações que possibilitam esta interação de modo a preparar o indivíduo para a convivência em grupo e em sociedade.

A partir do contexto aqui colocado, refletiremos sobre a importância da relação professor-aluno como fator de mediação no processo de ensino-aprendizagem. O objetivo último é que essa reflexão, obtida por meio da análise do estágio curricular supervisionado realizado no CEPAE, possa contribuir para a construção crítica de ações de educadores musicais que atuarão na Educação Básica.

2 Referencial teórico

Para elucidar sobre o processo de relação professor-aluno como fator de mediação no processo de aprendizagem, esse relato será fundamentado por Freire (1996) e Vygotsky (1998). Levando-se em conta que o processo de aprendizagem envolve uma compreensão bem mais abrangente do que a atuação do professor em sala de aula, é preciso considerar, então, a vivência dos alunos e a motivação do professor na prática educativa, ambos sujeitos ativos na mediação do conhecimento.

2.1 O professor e sua prática

O professor que atua na educação, muitas vezes, não percebe a importante função que desempenha na vida do aluno. Nesse sentido, o professor necessita compreender que essa relação é fundamental para o desenvolvimento de uma educação que dialogue com as

necessidades dos alunos, atitude que demonstra a necessidade do comprometimento ativo da ação docente no processo educativo.

Nessa perspectiva, é preciso compreender que a postura docente é incumbida de desempenhar um papel social e político. Para tanto, o professor necessita apropriar-se de uma postura crítica em relação a sua atuação. Assim, considerando a reflexão sobre a prática, Freire (1996, p.23) coloca que “ensinar não é transmitir conhecimento mas criar possibilidades para sua produção ou construção”.

Fazendo correlação com esse levantamento bibliográfico, nota-se que é possível destacar o momento de observação participativa da prática docente, pois o estagiário é imbuído de um olhar crítico reflexivo com relação à maneira de intervenção e desenvolvimento dos conhecimentos em sala, neste caso, mediado pela professora de música do CEPAE.

2.2 O processo de interação e de mediação na relação professor-aluno

No processo de aprendizagem, Paulo Freire ressalta a prática educativa dialógica como um aspecto capaz de mover o refletir e o agir dos homens e mulheres. Dessa maneira, “[...] o diálogo é o encontro no qual a reflexão e a ação, inseparáveis daqueles que dialogam, orientam-se para o mundo que é preciso transformar e humanizar” (FREIRE, 1980, p.83).

Nesse sentido, quando o professor entende a necessidade do diálogo em sua postura em sala de aula, torna possível que os alunos se sintam mais curiosos e ativos para interferirem na realidade. Ao trabalhar nessa perspectiva, o professor torna-se um mediador, assumindo em sua prática um papel mais humanizador.

Nessa perspectiva, a professora de música do CEPAE era capaz de articular as experiências dos alunos com o mundo e levá-los a refletirem sobre o entorno. Havia uma preocupação em transcender o saber musical, partindo da ideia de que a sala de aula é uma extensão do mundo e para conviver em sociedade existem regras a serem cumpridas.

Para trabalhar com a ideia das regras no convívio social, a professora de música se baseia no filósofo Baruch Spinoza. O mesmo propunha uma espécie de determinismo, o qual: “até mesmo o comportamento humano seria totalmente determinado, sendo então a

liberdade a nossa capacidade de saber que somos determinados e compreender por que agimos como agimos” (MELLO, 2008).

A ação docente nas aulas de música do CEPAE era pautada em Spinoza, e estruturava-se com base em dois pilares: 1) Motivo: artefato musical (uma música ou uma pequena melodia) e 2) Saberes: construção conceitual dos elementos musicais. Tais pilares estavam presentes em todas as atividades realizadas em sala de aula.

A condução das aulas previa o trabalho em grupo. As atividades eram voltadas para todos os alunos, objetivando o desenvolvimento de saberes musicais através da interação e da motivação. Ressalte-se que todo processo era mediado pela professora de música e que em momento algum ela usou de autoritarismo para promover a aprendizagem. Diante disso, Freire (1996 p.56) enfoca: “segura de si a autoridade não necessita de, a cada instante, fazer o discurso sobre sua existência, sobre si mesma. Não precisa perguntar a ninguém, certa de sua legitimidade, porque exerce com indiscutível sabedoria.”

Nesse sentido, é necessário que haja um equilíbrio da autoridade do professor exercida na prática educativa. Por isso, é importante que na relação professor-aluno sejam levados em consideração tanto os aspectos cognitivos quanto os aspectos relacionados à afetividade, lembrando que a afetividade não elimina a seriedade docente e que a mesma não deve interferir no comportamento ético do exercício do professor.

Inseparável desse pensamento estava a postura afetiva da professora de música no CEPAE para com os alunos. Isso era algo perceptível em sala de aula, e não era pretexto para que os alunos faltassem com respeito, pois na troca de afetos havia um comportamento ético, centrado em uma ação docente que os alunos reconheciam e respeitavam.

Para finalizar acerca da afetividade na escola, Freire salienta:

Como prática estritamente humana jamais pude entender a educação como experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções, os desejos, os sonhos devessem ser reprimidos por uma espécie de ditadura racionalista. Nem tampouco jamais compreendi a prática educativa como uma experiência a que faltasse rigor em que se gera a necessária disciplina intelectual (FREIRE, 1996, p. 146).

2.3 Relação professor-aluno: zonas de desenvolvimentos proximais

A escola enquanto um espaço educativo realiza um papel importante na relação professor-aluno, pois é o local onde acontecem diversas situações que propiciam essa interação.

Agora, cumpre destacar que o homem é um ser histórico, que se desenvolve no ambiente social. Nesse tocante, a instituição de ensino CEPAE, tem uma proposta vygotskyana, a qual se volta para uma concepção sociocultural do indivíduo partindo da ideia de que a relação do homem com o mundo não é direta, mas uma relação mediada através de instrumentos e signos, que cooperam no desenvolvimento do indivíduo.

É preciso dizer que o aprendizado das crianças se inicia muito antes de frequentarem a escola, é o que Vygotsky (1998) chama de “história prévia”. Trazendo para o aprendizado musical, muito antes das crianças começarem a estudar música na escola, elas tiveram uma experiência musical; o contato “pré-escolar” com a música.

A proposta vygotskyana estava presente na postura da professora de música, pois ela reforçava em suas atitudes que o aprendizado musical das crianças tinha um fundamento “pré-escolar” e que o mesmo não deveria ser ignorado. Ademais, Freire (1996, p.29) salienta que o professor não pode desprezar a base com que o aluno chega à escola e sugere “discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos”.

Em virtude disso, as dimensões do aprendizado escolar se elaboram nas zonas de desenvolvimentos proximais (ZDP's). Para Vygotsky (1998), o desenvolvimento da aprendizagem acontece em dois níveis: o real e proximal. O primeiro refere-se ao “nível de desenvolvimento das funções mentais da criança que se estabeleceram como resultado de certos ciclos de desenvolvimento já completados” (VYGOTSKY, 1998, p.57), ou seja, o que a criança consegue fazer por si própria. O segundo é “determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes” (VYGOTSKY, 1998, p.57), isto é, concretiza-se a partir da capacidade de aprender com as outras pessoas.

Esse conceito de ZDP's, partindo da teoria de Vygotsky, proporciona uma nova perspectiva para a prática docente, priorizando a busca do conhecimento e não respostas corretas. Segundo Vygotsky,

Um aspecto essencial do aprendizado é o fato de ele criar a zona de desenvolvimento proximal; ou seja, o aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas em seu ambiente e quando em operação com seus companheiros. (VYGOTSKY, 1998, p.60, 61)

Desse modo, é interessante o professor se valer de atividades em conjunto para favorecer a ação do outro nas ZDP's. Pela observação participante em campo foi possível constatar que a professora de música do CEPAE mediava a todo tempo a aprendizagem dos alunos por meio da operacionalização de atividades grupais envolvendo os alunos entre si e com os estagiários.

Partindo desse pressuposto, o professor tem inúmeros desafios, tais como: mediar o processo de aprendizagem, estabelecer e suscitar reflexões sobre os pensamentos e as ações dos alunos.

Soma-se a esses desafios a importância colocada por Vygotsky na interação, pois os sujeitos são interativos e não apenas ativos e se estabelecem a partir das relações com suas próprias emoções e sentimentos (intrapessoais) e a partir da relação com duas ou mais pessoas (interpessoais).

Logo, uma instituição de educação como o CEPAE, que se baseia na proposta vygotskyana, tem como cerne ser um espaço de construção, de valorização e de respeito, no qual todos são estimulados a tomar decisões e a pensar em conjunto, afinal é nesse ambiente que se propicia o crescimento humano por meio das interações sociais.

Deve-se destacar que o trabalho educativo-musical desenvolvido pela professora de música no CEPAE, estabelecia uma relação com o conceito de ZDP's, pois a professora trabalhava com os motivos e saberes de modo a avançar o limite da Zona de Desenvolvimento Real. Para que isso acontecesse, a professora apresentava aos alunos saberes que continham elementos da Zona de Desenvolvimento Real, mas que também continham elementos da zona

que estava em fase de desenvolvimento cognitivo, a Zona de Desenvolvimento Proximal. O trabalho em grupo mediado pela professora de música era fator que propiciava aos alunos um desenvolvimento musical que transformasse a Zona de Desenvolvimento Proximal em Zona de Desenvolvimento Real.

2.4 Estratégias e práticas no processo de ensino-aprendizagem

Por meio da observação da ação da professora de música, imbuída de experiência em sala de aula e aporte teórico, é de suma importância relatar, nesse momento, dois pontos que se destacaram no decorrer das aulas. Através deles foi possível despertar um olhar crítico reflexivo à minha postura como educadora musical.

O primeiro ponto fixa-se nas estratégias utilizadas para manter os alunos interessados na aula. Pautada no pensamento spoziano e na proposta vygotskyana do CEPAE, a professora Telma, utiliza a ideia das regras no convívio social.

Os alunos são motivados a “obedecer” às regras, compartilhando da ideia de que a sala de aula é uma extensão do mundo e que para conviver em sociedade existem regras a serem cumpridas. Segundo Freire (1996, p.77), “Meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências”. Nessa perspectiva, a professora de música dentro da sala de aula, transcende o conhecimento puramente musical.

Além disso, a professora com base nos dois pilares (motivos e saberes), buscava variar os meios de aplicar as atividades sem perder o processo da construção dos saberes, isto é, os saberes estavam conectados uns nos outros sem perder o foco.

Desse modo, as crianças podiam interagir de muitas maneiras na aula, anulando a hipótese de ser algo maçante, propiciando abertura para os alunos lançarem opiniões sobre algo que os instigaram na construção dos saberes. Havia uma preocupação da professora de música, relacionada à qualidade da aula, e essa abertura dada aos alunos para se expressarem permitia perceber se os alunos estavam realmente aprendendo.

Algo presente na postura dos alunos naquela sala de aula era a abertura dada à comunicação. E por estabelecer uma relação interpessoal, às vezes as conversas paralelas ou a euforia motivada por “algo novo” apresentado à classe dispersavam a atenção do aluno. Nesse aspecto, o segundo ponto retrata de que forma a professora de música procurava para resolver os impasses na sala de aula.

Um dos recursos utilizados era falar em voz baixa para que os alunos prestassem atenção. Nesse aspecto é importante destacar que em momento algum a professora usou de “gritos” para que os alunos voltassem a ela. Ademais, a utilização da criatividade ao improvisar cantando, pode-se dizer que nunca falhava para retomar a atenção das crianças, sendo algo que elas admiravam por ser recheada de humor. Logo após, a professora conduzia os alunos a um processo de reflexão, para que eles pudessem pensar sobre a conduta que exerceram naquele momento.

De acordo com os pontos mencionados pode-se observar que na relação professor-aluno, cabe ao professor tomar algumas decisões e ter algumas posturas com relação à prática educativa para que ocorra o processo de ensino-aprendizagem.

Acredita-se então que é possível superar os conflitos e desafios com os quais nos deparamos nas escolas de educação básica. No entanto, para que isso ocorra se faz necessário que o professor reconheça seu papel no que concerne à relação que manterá com seu aluno para que assim possa transformar a realidade da sala, obtendo uma postura educadora pautada na ética, no afeto, na interação, no domínio técnico e no respeito mútuo.

3 Considerações Finais

O papel do professor é fundamental, pois ele é a base da relação professor-aluno. Essa relação depende de sua mediação e de atitudes envolvendo a maneira de se dirigir aos alunos, seja falando, ouvindo e/ou compreendendo os acontecimentos da sala de aula.

Através da observação participante vinculada ao campo de estágio, questiono a minha prática educativa como educadora musical e compreendo que o processo ensino-aprendizagem abarca em si as ações conjuntas do professor e do aluno. Sendo assim, o meu papel na

educação é ensinar os meus alunos, através da música, a pensar, a questionar e a analisar sua postura no mundo, para que possam ser indivíduos críticos capazes de construir opiniões próprias. Nesse sentido, o estágio curricular supervisionado realizado no CEPAE possibilitou ao estagiário refletir, por meio da observação participante e da ação docente, como se dá a atuação do professor no ensino regular.

Por meio desse relato conclui-se que o processo de ensino-aprendizagem não ocorre isoladamente. Segundo Freire (1996, p.23), professor e aluno “não se reduzem à condição de objeto, um do outro”. Logo, tanto o professor como o aluno estão em interação constante. E essa interação possibilita a partir da visão, de Freire (1996, p.23), destacar que “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”, destacando-se nessa relação a dimensão afetiva.

Sendo assim, nota-se que no processo de ensino-aprendizagem é preciso construir uma relação com os alunos e entre eles para que haja respeito, crescimento e uma relação de cooperação. Através da relação professor-aluno, o aluno é motivado a construir seu conhecimento, pois o professor entende que ensinar é respeitar os saberes dos alunos e suas diferenças para proporcionar novas articulações com novos saberes.

Referências

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática de libertação uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa** (Coleção Leitura). São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MELLO, Maurício. **Spinoza: Deus e Natureza**, 2008. Disponível em <<https://cogitamundo.wordpress.com/2008/12/08/espinosa-deus-e-natureza/>>. Acesso em: 11 de jul. 2016

PIMENTA, S.G.; LIMA, M.S.L. **Estágio e Docência**. São Paulo: Cortez, 2004.

SANTANA, Flavia. **A Dinâmica da Aplicação do termo Qualidade na Educação Superior Brasileira**. São Paulo: Editora Senac, 2007.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social de mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. Traduzido por José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.